



Graciliano Ramos e a pedagogia da autonomia: libertar-se das asas da mãe coruja para não ser devorado pelo gavião

Por Thiago Mio Salla

O livro *Os filhos da Coruja* tem como base um poema de mesmo nome escrito à mão, datado de 5 de setembro de 1923 e assinado por um tal de J. Calisto. No Fundo Graciliano Ramos, guardado pelo arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) o documento enquadrava-se na categoria “Manuscritos recebidos de autores não identificados” e, nessa condição, passou ao largo de outros estudiosos do autor. Na verdade, J. Calisto foi um dos muitos pseudônimos que Graciliano Ramos (1892-1953) utilizou, principalmente no início de sua trajetória literária, para encobrir sua autoria.¹

No princípio de tal jornada, valia-se desse expediente para assinar poemas e crônicas que encaminhava a jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Alagoas. Fez isso desde 1907 (quando tinha apenas quinze anos de idade e, sob influência parnasiana, enviou um poema para o semanário carioca *O Malho*) até a década de 1930, pouco antes de publicar seu romance de estreia *Caetés* (1933).² Entre os nomes que empregava

para disfarçar-se estava o de J. Calisto (ocasionalmente abreviado para J. C.), que aparece pela primeira vez apenas no começo dos anos 1920, nas páginas do jornal *O Índio*, de Palmeira dos Índios, como responsável, sobretudo, por uma seção intitulada “Traços a Esmo”. Por meio dessa alcunha, Graciliano constrói a figura de um cronista irônico e sarcástico que se sobrepõe às personagens e aos fatos apresentados. Preocupava-se mais com a captação das práticas sociais em seus aspectos mais corriqueiros, tais como alguns incidentes do cotidiano, a descrição de certos tipos culturais e o questionamento debochado de grandes instituições da sociedade (Igreja, Política, Justiça, Pátria).

“Com *Os filhos da Coruja*, Graciliano estabelece diálogo vivo com as tradições europeias do gênero fábula.”

Em certa medida, ele não seria apenas um pseudônimo, mas uma personagem criada pelo escritor para entrar em contato com o leitor e cativá-lo. Trata-se de um observador sociocultural que assume uma postura superior aos que leem, sem deixar de incorporar elementos de uso comum destes. Vive constantemente essa relação dialética: ao mesmo tempo que se distancia, apresenta traços do próprio cotidiano dos leitores para que eles se aproximem de seu relato. O uso de uma linguagem ágil, marcada pela oralidade, é mostra dessa

1 Os livros póstumos *Linhas tortas* (1962), *Viventes das Alagoas* (1962) e *Garranchos* (2012) trazem juntos quinze crônicas nas quais Graciliano Ramos utiliza o pseudônimo J. Calisto (ou as iniciais J. C.). São treze textos no primeiro, um no segundo e um no terceiro.

2 Entre os pseudônimos utilizados por Graciliano ao longo desse período, podem-se listar: Feliciano de Oliveira,

Feliciano Oliveira, Almeida Cunha, S. de Almeida Cunha, Soeiro Lobato, Manoel Maria Soeiro Lobato, X, Anastácio Anacleto, Lúcio Guedes. Vale-se também das abreviaturas G.R. e R.O. (esta última uma redução de seus sobrenomes “Ramos de Oliveira”).

aproximação. Sua sintaxe oscilava entre a descontração da fala, próxima da conversa entre duas pessoas, e a correção própria da norma culta. No entanto, praticava, ao mesmo tempo, o discurso irônico como forma de argumentação e reflexão, buscando a convivência do destinatário em novas leituras de velhos episódios. Tal opção causava dúvidas, gerava polêmicas, questionava outros discursos amplamente disseminados no corpo social como verdades incontestáveis, exigindo uma postura ativa dos receptores.



© Gustavo Magalhães

Ainda quanto à biografia do escritor, no princípio da década de 1920 Graciliano havia perdido sua primeira esposa, Maria Augusta Ramos, que morreu em 23 de novembro de 1920, vítima de complicações no parto ao dar à luz a quarta criança do casal, batizada de Maria Augusta em homenagem à mãe. Assim, quando escreveu *Os filhos da Coruja*, viúvo, Graciliano se via às voltas com quatro filhos pequenos. Além da referida menina, três meninos: Márcio, Júnio e Múcio,³ prestes a completarem, respectivamente, sete, seis e quatro anos. Todos aniversariantes no mês de setembro. Tais elementos levam à hipótese de que as três corujas no oco da árvore mencionadas no texto remeteriam alegoricamente a seus três filhos e de que o autor escreveu o texto dirigindo-se de início a eles (de modo análogo ao

que observamos, por exemplo, em obras canônicas da literatura infantojuvenil como *João Felpudo* e *Alice*), e não a um público virtual.⁴ Daí o título do poema fazer referência aos filhos da coruja, e não aos protagonistas de fato da fábula: a coruja e o gavião.

Com *Os filhos da Coruja*, Graciliano estabelece diálogo vivo com as tradições europeias do gênero fábula, mediante o gesto de recontar uma narrativa recolhida pelo celebrado escritor francês La Fontaine, intitulada “A águia e o mocho” (“L’aigle et le hibou”). No texto, as aves decidem pôr fim à guerra suja que travavam e se comprometem a não mais devorar os filhotes uma da outra. Para evitar descumprir o prometido, a águia pede que a coruja lhe descreva suas crias, pois se as encontrasse em sua caçada, iria poupá-las. A mãe coruja faz uma descrição idealizada de seus filhos, que se destacariam pela beleza, penugem vistosa e voz doce. A águia, ao se deparar com bichos medonhos, de penas pardas e gritos assustadores, come-os. Ao fim, a coruja escuta de um amigo: “Tu pintaste um retrato que não corresponde, de fato, a filhotes de mocho; assim, não atribuas culpas a outrem. Se as há, são tuas!”.⁵

No Brasil, o texto teria originado a expressão “mãe coruja”, em referência ao caráter superprotetor da figura materna. Por aqui, ainda, essa fábula já havia ganhado suas próprias versões nas penas de Justiniano José da Rocha, em *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine* (1875), e de Monteiro Lobato, em *Fábulas de Narizinho* (1921) e, depois, tão somente

3 O primeiro nasceu em 14 de setembro de 1916; o segundo em 13 de setembro de 1917; e o terceiro em 29 de setembro de 1919.

4 Devo tal sugestão a Isabella Mimura Sato, estudiosa dedicada à literatura infantojuvenil e *Master of Arts* na Universidade de Göttingen.

5 LA FONTAINE. *Fábulas de La Fontaine*. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p. 342 (Grandes Obras da Cultura Universal; 11).

Fábulas (1922). As propostas de ambos os autores apresentam um encaminhamento narrativo similar ao texto de La Fontaine, com algumas particularidades que também os aproximam. Justiniano José da Rocha nomeia seu texto como “A coruja e seus filhos”, especifica que são apenas dois filhotes e apresenta a moralidade em termos gerais, sem culpabilizar diretamente a coruja: “A ternura materna não vê as imperfeições dos filhos, e substitui-lhes belezas e graças que lhes negara a natureza”.⁶ Na versão de Lobato, cujo título “A coruja e a águia” inverte a ordem dos animais em relação ao original francês, ele detalha que são três corujinhas feiosas devoradas pela águia, bem como tece considerações mais amplas sobre a paternidade e o olhar parcial em relação à prole: “Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama bonito lhe parece”.⁷ A partir da oitava edição de *Fábulas*, publicada em 1943, Lobato promoveu mudanças na obra de modo a nela incluir as personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Com essa reformulação, Dona Benta passa a ocupar o posto de narradora das histórias, enquanto outras figuras (Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Tia Nastácia) tecem comentários sobre elas. No caso de “A coruja e a águia”, Narizinho avalia que tal narrativa se destacava como a rainha do gênero fábula. “Nada mais verdadeiro. Para os pais os filhos são sempre uma beleza, nem que sejam feios como os filhos da coruja”.⁸ Dona Benta amplia o escopo da moralidade do texto para a própria produção artística: “Os escritores acham ótimas todas as coisas que

escrevem, por piores que sejam. Quando um pintor pinta um quadro, para ele o quadro é sempre bonitinho. Tudo quanto nós fazemos é ‘filho de coruja’”.



Gustavo Magalhães ©

Graciliano divide *Os filhos da Coruja* em quatro blocos: no primeiro e no terceiro (cada um com, respectivamente, seis e oito versos), temos um narrador em terceira pessoa que narra e descreve; no segundo, mais longo (quarenta versos no total), toma lugar o diálogo entre a Coruja e o Gavião; no último (com dez versos), expõe-se a moral da história. Nesta parte, a frase “Homem que me escutaste”, ao evocar não uma criança, apela para a maturidade dos leitores ao mesmo tempo que vincula de modo explícito a história à tradição oral.

À moda de La Fontaine, Graciliano produz um poema fabular de métrica variada, com esquemas de rimas também oscilantes, no qual se observa uma profusão de *enjambements*. Em termos estruturais, o poema apresenta recuos e alinhamentos irregulares, ora à direita, ora à esquerda, com os versos indo até quase o limite de ambos os lados da tira de papel em que foram manuscritos. Além de sinalizar oposições, tal expediente faz com o que nosso olhar oscile entre as extremidades da página, levando a uma leitura de ritmo mais sincopado, aparentemente dissonante, cujo andamento pode se acelerar ou se retardar.

6 ROCHA, Justiniano José da. *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine*. Rio de Janeiro: Nicoláo Alves, 1875.

7 LOBATO, Monteiro. *Fábulas de Narizinho*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921, s.p.

8 LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960, p. 16.

Percebe-se que, quer quanto à forma, quer quanto ao conteúdo, Graciliano mantém o caráter fabular do texto, com destaque para a presença de animais antropomorfizados, narrativa curta, condensada, versos irregulares, apelo à oralidade e, ao fim, emprego do epimítio. Por outro lado, fugindo daquilo que era comum, não utiliza os nomes dos protagonistas no título, mas tão somente se refere às vítimas da ação funesta, as quais são especificadas por sua filiação; e confere um tom local, abasileirado, à narrativa, com destaque para menções ao Nordeste e à seca. Num crescente, ao final, a moralidade destoa por completo das versões anteriores. Deixa-se de lado a figura da “mãe coruja” e prioriza-se uma lição de vida voltada a todos aqueles que mentem para si mesmos, iludem-se e transformam vícios em virtudes. O narrador destila a ideia de que todos temos de olhar criticamente para nossos próprios defeitos, nos libertarmos da falsa proteção das asas maternas, pois caso contrário seremos presas fáceis (indefesos filhotes de coruja) diante de outros homens (gaviões com seus bicos e garras). Portanto, transmite um ensinamento que visa a promover, sobretudo, conscientização e autonomia: no mundo não caberiam idealizações, e o gavião, sempre à espreita, determinaria a necessidade de maior atenção, desconfiança e cuidado em nossas ações. Faz lembrar os versos de João Cabral de Melo Neto, em poema no qual este tematiza a “poesia do menos” de Graciliano Ramos:

**Falo somente por quem falo:
por quem existe nesses climas
condicionados pelo sol,
pelo gavião e outras rapinas.⁹**

9 MELO NETO, João Cabral. “Graciliano Ramos”. In: *Obra completa*. org. de Marly de Oliveira, com assistência do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. pp. 311-312.

**“No mundo não caberiam
idealizações, e o gavião,
sempre à espreita,
determinaria a necessidade de
maior atenção, desconfiança
e cuidado em nossas ações.”**

Se a imagem do gavião sempre de tocaia é mobilizada pelo poeta de *Morte e vida severina* para tratar da literatura empenhada e altamente elaborada de Graciliano, a coruja tem um papel-chave numa das obras mais aclamadas do escritor alagoano. Em *S. Bernardo* (1934), o pio dessa ave aninhada na torre da igreja aparece como elemento desencadeador do processo narrativo feito em primeira pessoa por Paulo Honório, protagonista amargurado e derrotado, depois da morte da esposa. Ele considera a ave amaldiçoada, portadora de desgraças.¹⁰ Por outro lado, tendo em vista a simbologia de sabedoria colada ao animal, a coruja com seu olhar de espectadora noturna, mais próxima ao chão (o contrário da perspectiva aquilina do gavião que, do alto, abrange o panorama completo à luz do dia), seria capaz de enxergar através da noite e, assim, proporcionar conhecimento, algo que o personagem busca ao se aventurar sozinho no gesto de escrever sua própria história.

Se *S. Bernardo* encena o ato da escrita, a contraparte desse processo, ou seja, a leitura, toma corpo em *Infância* (1945),

10 Tais atributos depreciativos associados à ave já haviam tomado corpo em um soneto publicado por Graciliano na revista *O Malho*, em 10 de junho de 1911. “Ei-la sempre a gritar numa voz que assemelha/ O agoureiro rumor de um rasgar de mortalha”. Depois ainda a rotularia como “a predileta filha da treva”.

livro memorialístico em que Graciliano, de mãos dadas com a ficção, rememora fragmentos de seus primeiros anos. Nessa obra acompanhamos o traumático embate do menino-coruja com a palavra impressa e a procura dele por seu próprio caminho como leitor, em meio a toda sorte de rapinas – familiares, escolares, religiosas etc. No caminhar do infante pelo mundo das letras, fábulas lhe são apresentadas nas páginas dos livros didáticos de autoria de Abílio César Borges, mais conhecido como barão de Macaúbas.¹¹ O futuro romancista relembra a história de uma criança vadia que, no caminho para a escola, atrasava-se a conversar com passarinhos, e recebia deles “opiniões sisudas e bons conselhos”, com a finalidade de orientar o “vagabundo no caminho do dever”.¹² Entre os casos envolvendo seres irracionais e bem falantes, rememora também a narrativa de uma moscazinha “que morava na parede de uma chaminé e voava à toa, desobedecendo às ordens maternas. Tanto voou que afinal caiu no fogo”.¹³ Recorda-se ainda de um apólogo no qual um sujeito perseguido se escondia dentro de uma caverna. Para ajudá-lo, uma “aranha providencial veio estender fios à entrada do refúgio”, permitindo que o fugitivo escapasse, pois os homens no seu encalço julgavam que “se ele estivesse ali, teria desmanchado a teia”.¹⁴

Diante de tais textos, o menino não

11 Médico e educador baiano (1824-1891). No século XIX, teve papel de destaque na produção de livros que marcaram a história do material didático produzido no Brasil. Utilizadas depois de findos os estudos da cartilha, tais obras obtiveram enorme sucesso, confirmado por sucessivas reedições (SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: Uma história da formação do leitor no Brasil*, Tese de doutorado em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004, p. 59).

12 RAMOS, Graciliano. *Infância*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952, p. 115.

13 *Idem, ibidem*.

14 *Idem*, p. 117.

julgava desarrazoado os animais falarem, se entenderem, brigarem, narrarem suas aventuras curiosas, em interação ou não com as pessoas. Imagina, por exemplo, que os sapos do açude próximo a sua casa constituíam uma sociedade em que “os fracos se queixavam, e os sapos fortes gritavam mandando”:¹⁵ sapos negociantes, sapos vaqueiros, sapos padres, sapos policiais etc., enfim, sapos equivalentes às figuras com as quais convivia, admitindo que seu mundo exíguo podia alargar-se um pouco, “enfeitar-se de sonhos e caraminholas”.¹⁶ O que o narrador adulto ao revisitar-se pequeno não podia admitir era o tom professoral e pedante das narrativas, escritas na arrevesada “linguagem de doutores”. Julgava o barão de Macaúbas perverso, desconectado de pássaros, insetos e crianças. Se ele nutria o intuito de elevar tais viventes ao “nível dos professores”, na verdade acabava por diminuí-los, embrutecê-los.

Tanto que aos nove anos, quase analfabeto, Graciliano era apontado como “bruto em demasia”.¹⁷ Mesmo após percorrer três volumes da cartilha do barão de Macaúbas, uma seleta, passar por diferentes professores e escolas, tem de recorrer a uma prima para dar continuidade à leitura de uma obra cuja decifração teve início com a ajuda de seu pai. Sentia-se ainda impossibilitado de, por si mesmo, compreender palavras difíceis, sobretudo na ordem em que elas se juntavam nas páginas. A prima o debela dessa convicção castradora, apresentando-lhe, como contraponto, os astrônomos: se eles liam o céu tão distante, por que o primo não conseguiria adivinhar a página aberta diante de seus olhos, já que conhecia as letras e sabia

15 *Idem*, p. 116.

16 *Idem, ibidem*.

17 *Idem*, p. 185.

reuni-las para formar palavras? Frente a esse paralelo, o menino-coruja sente-se encorajado a se aventurar por conta própria pelo universo letrado. E seguiu adiante por anos a fio. Preso à terra, não desvendaria os segredos do céu, mas se sensibilizaria com narrativas tristes.

Há nesse percurso, portanto, o esboço lírico de uma pedagogia da autonomia atrelada aos atos de ler, de escrever e de viver, cujas matrizes já ganhavam forma nos anos 1920 em *Os filhos da Coruja*. Ou seja, antes de seus romances, antes de seus livros de memória, dirigindo-se a um público restrito, Graciliano já procurava incutir a necessidade de uma ação libertadora fundada no juízo crítico em relação ao universo violento e excludente a seu redor. Avesso a dogmatismos, valendo-se de uma moral não moralista, sinaliza a necessidade de despir-se da vaidade e de problematizar certezas e incertezas, visando à tomada de consciência daquilo que precisaria ser superado. Mas isso só seria possível se os oprimidos se assumissem como corujas num mundo repleto de gaviões. E, enquanto tais, reconhecessem suas mazelas e lutassem pela própria liberdade, visto que, conforme bem ensina Paulo Freire, ninguém pode ser considerado sujeito da autonomia de ninguém.¹⁸ Portanto, às pequenas corujas, despojadas de ilusões, só restaria serem elas mesmas e levantarem seu voo ao cair do crepúsculo.



Thiago Mio Salla é doutor em ciências da comunicação e em letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisador da Escola de Comunicações e Artes da USP e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH/USP, publicou, entre outros, *Garranchos: Textos inéditos de Graciliano Ramos* (2012), *Graciliano Ramos e a Cultura Política* (2016, vencedor do prêmio Abeu, finalista do Jabuti e do prêmio da Biblioteca Nacional) e *Graciliano na terra de Camões* (2021). Em parceria com Ieda Lebensztayn, organizou os livros *Cangaços* (2014), *Conversas* (2014) e *O antimodernista* (2022), todos sobre o escritor alagoano. Coordena e desenvolve projetos no Fundo Graciliano Ramos (IEB/USP).

18 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 107 (Coleção Leitura).